

**PREZADX, ESPELHO-DIFUSO-LEITORX**

NATÁ BORGES FERREIRA

NAIRA CIOTTI

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

**RESUMO**

Esse lugar [AQUI] feito de palavras-imagens é uma carta para leitorxs, um convite para enxergarmos algum reflexo nesse espelho-difuso-nós. [Aqui] trago a performance arte como um meio de construirmos lugares outros, rompendo com as padronizações compulsórias. Passaremos por Questões Muitas e Respostas Raras, Maneiras Outras de Ser Afetadx e por Meios de Não Nos Abandonarmos. [Aqui] através desse diálogo entre um Eu que se dilui em Você que lê, proponho formarmos Nós de uma rede de afetos. E assim pensarmos a ação Guiado Pela Multidão feita no evento Reperformar o Afeto: Professores-Performers (UFRN) em 2018.

**ABSTRACT**

This place [HERE] made of words-images It's a letter to readers, an invitation to see some reflection in this mirror-diffuse-us. [Here] I bring performance art as a means of building other places, breaking with compulsory standardizations. We will go through Many Questions and Rare Answers, Other Ways to Be Affected and by Ways of Not Abandoning Ourselves. [Here] through this dialogue between an Self that is diluted in You that reads, I propose to form Nodes of a network of affections. Therefore, we think about the performance Guiado pela multidão done at the event Reperformar o afeto: Professores-Performers (UFRN) in 2018.



## PREZADX, ESPELHO-DIFUSO- LEITORX,

Estou [aqui] acenando com palavras/imagens. Se for para fazermos dessas páginas lugar, mesmo que seja institucional, quero pavimentá-las com palavras-rabiscos-proposições-dúvidas-escapes. Dessa forma seus pés-olhar tocarão em possibilidades, um voo para a liberdade através da consciência (“Aware” do inglês, tradução da entrevista de Jota Mombaça), abolindo a ideia de indivíduo, reconhecendo nossa solidão e nos unindo através dela (MOMBAÇA in: Esguerra, 2018). Confesso essa como primeira intenção, pois venho de um mar traiçoeiro e posso deixar o caminho enlameado, brumoso, confuso, perigoso.... Siga então, porém, avisadx.



(...) For me to liberate is to become aware. To liberate is not to free the body or to create the fiction of freedom. It's to be aware of the problems you have to cross. For me the idea of liberation is of an unfinished process. (MOMBAÇA in: Esguerra, 2018).

(Pra mim libertar é se tornar consciente. Libertar não é soltar o corpo ou criar uma ficção de liberdade. É estar consciente dos problemas que você tem que cruzar. Para mim a ideia de libertação é um processo inacabado).

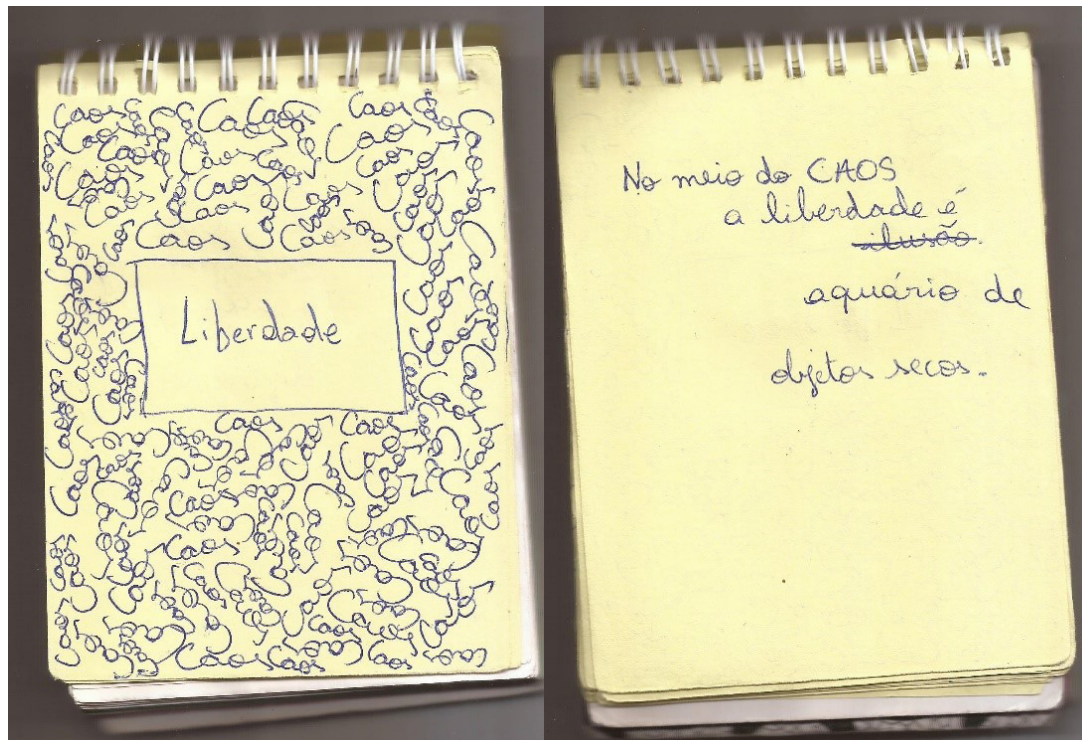


Imagem 01 e 02: Desenhos feitos em sala de aula no mestrado em artes cênicas (UFRN)  
Fonte: Natã Ferreira em um bloco de anotações, Natal/RN, 2018.



Unidos por essa linguagem que em comum partilhamos, proponho uma abolição de gênero, substituindo as vogais binárias pela letra X. Quero escrever uma carta performática, uma carta-imagem-texto, uma carta-não-carta. E faremos esse percurso juntxs. Porque se estamos vivxs em coincidência temporal, aproveitemos para criar [Algo], erotizar esse curto-longo período de existência. Um erótico expandido, expansivo, a primeira garfada para os olhos famintos. Não só no sentido sexual, porque nem tudo nessa vida é primitivo. Mas se for, que seja um sexo bom, de tremer os joelhos, perder fôlego, forças. Não esses “meia-boca”, que servem apenas para desaguar instintos. [Algo] que seja esculpido por signos, meus, seus, dxs outrxs, nossos. Uma linguagem criada em comum, que não passe pela instância do privado ou público (HARDT & NEGRI, 2016. Pg. 8), convenções, enquadramentos, mas um desvio, vivo, mutável, obra do tempo. “O erótico é um lugar entre a incipiente consciência de nosso próprio ser e o caos de nossos sentimentos mais fortes” (LORDE, 1984).

Nesse instante embaralho as cartas de tarô, a carta escolhida: 9 de copas - prazer e satisfação ao nosso lado.

## QUESTÕES MUITAS DE RESPOSTAS RARAS

- Sonhei que eu poderia abolir o gênero das palavras, dessa língua binária, portuguesa, desse lugar taxativo, compulsório. Se somos nós que damos vida as letras, como desestruturamos prédios que nos barram o sol? Por que palavra é feminino e conceito é masculino? Por que mesa é feminino e corpo é masculino? Por que Nós: masculino ou feminino?
- Ainda estou nas tentativas de exorcismo do romantismo. Mas meus sonhos, sonhos que trazem memórias, brincam de arapuca, campo minado, armadilhas simbólicas. Como tratar o órgão-imaterial que fica entre cérebro/coração?

## MANEIRAS OUTRAS DE SER AFETADX

Acostumamos fácil, adaptamos rápido. Lembro da primeira vez que tentei tomar banho sozinhx, eu não alcançava o dispositivo de controle d'água do chuveiro. De olhar apurado, miúdo, pesquisei o entorno do banheiro, gigantesco da minha perspectiva, até esbarrar no rodo, que com



certeza serviria para aquela função. Bati insistente na torneira até liberar a água. Existia um misto do prazer da água quente percorrer minha pele, com a sensação de CONSEGUI. Foi um prazer aventureiro, autossuficiente e sagitariano de ser, sabe?

Prezadx, você consegue, agora, visitar suas primeiras vezes de coisas “simples” na memória? Porque acostumamos fácil, adaptamos rápido. E nosso corpo vai virando um dispositivo somático, acumulativo, e tomar banho de adulto é uma coreografia pronta, quase involuntária. Porque hoje eu alcanço a torneira, o sabão, a toalha... Só não alcanço o prazer aventureiro de fazer o banho virar uma experiência, podemos começar por [aqui] pela força das palavras, elas estão fazendo coisas conosco, talvez subjetivação, talvez nada (LARROSA, 2015. Pg. 16-17). Portanto, Hoje, vou tomar banho diferente, de roupa talvez, ou de olhos fechados, ou com salto alto, ou melhor: vou criar um ritual para o banho:

- Escrever em um papel um discurso para você mesmx;
- No banheiro, tirar as vestes e pendurá-las, ficar apenas com o papel nas mãos;
- Ligar o chuveiro;
- Começar a entrar pela corrente d'água pelos dedos dos pés e ir cada

membro até entrar a cabeça, sem molhar o papel;

- Quando o corpo estiver todo na corrente d'água, fazer-ler o seu discurso em voz alta, se possível gritar;
- Desligar o chuveiro e passar o papel no seu corpo molhado;
- Ligar novamente o chuveiro e falar palavras do seu discurso de forma aleatória, caso não esteja legível, falar sílabas ou letras;
- Esfregar o papel no corpo até ele se desfazer em pequenas partículas, deixe o discurso se esvaír com a água;
- Para finalizar o banho, fechar o chuveiro; pegar uma toalha e secar o corpo;
- Sair do banheiro com a toalha enrolada em toda a cabeça, deixando o resto do corpo descoberto, tentar desvendar os cômodos da sua casa com os olhos vedados.

A performance para mim acontece nesse lugar-outro, que criamos dentro do estabelecido, para que o corpo vaze nas frestas e não se permita enquadrar. Passa pelo não habitual, não cotidiano, “(...) qualquer lugar pode ser utilizado para a realização de uma performance. Esse lugar fica temporariamente alterado em todas as suas qualidades” (CIOTTI, 2014). Começo a performance nesse lugar da escrita que é nossa, dos olhos de quem



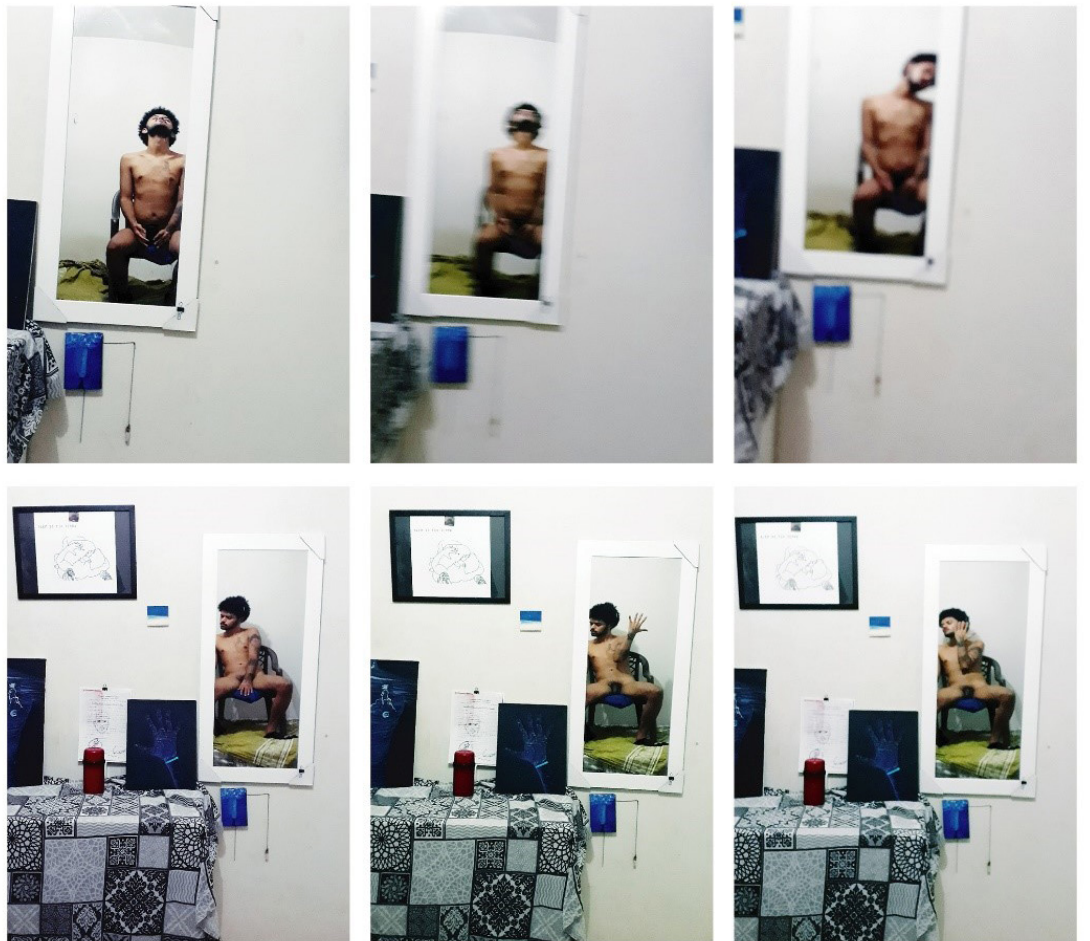
passa, para nessa experiência, talvez, lugar-  
outro, sermos outrxs, porque não é com os  
mesmos afetos, o mesmo corpo político,  
que poderemos criar outras formas de se  
habitar nesse mundo caótico (SAFATLE,  
2016. Pg. 19). E se o corpo que somos está  
nesse planeta com outros seres, objetos,  
entes, entidades, alteridades, (...), não há  
atitudes individuais que não reverberem  
no coletivo. Se somos outrxs, xs outrxs  
serão outrxs também. Como num trava-  
línguas, mas que não trava nada, libera.  
O entorno também será novo, mesmo  
que dentro de uma efemeridade líquida.  
Somos criadorxs de lugares outros. Ser  
artista também é tomar banho (de)novo. É  
fazer da vida escultura, criar para si uma  
ética-estética. Daí podemos partir para  
um corpo-político-estético, “constituição  
estética deve-se entender aqui a partilha  
do sensível que dá forma à comunidade”

(RANCIÈRE, 1995). Nesse lugar repartido  
em linhas imaginárias, denominado  
Brasil, a palavra política é palavra torpe.  
Então precisamos reformulá-la desde já  
através dos afetos. Olhando dessa forma  
para paisagem, não consigo separar arte  
da vida. E prezadx. Amigx. Eu nasci velhx,  
mas as vezes me sinto velhx-criança. E  
uma frase que martela é “não me encaixo  
em nada/ não me encaixo em nada” da  
música “Acalanto” (LUNA, 2017).

## MEIOS DE NÃO NOS ABANDONARMOS

Nesse momento podemos usar a  
fala de Jota Mombaça para pensarmos, não  
através do sistema fechado da linguagem  
escrita, mas de ações (MOMBAÇA in:  
Esguerra, 2018). Entrando no “buraco da  
minhoca”:





Imagens 03-08: Série de selfies de um corpo mestiço nu no espelho  
Fonte: Natã Ferreira em um lugar que chamo de quarto, Natal/RN, 2018.



## GUIADO PELA MULTIDÃO

O video-performance está disponível no link: <<https://youtu.be/5XcF0kfdBYY>>

A performance aconteceu dentro do evento, coordenado pela prof<sup>a</sup> e dr<sup>a</sup> Naira Ciotti: Reperformar o Afeto: Professores-Performers, 2018, (UFRN). Proposta para um grupo de cerca de 70 professorxs da rede pública, destxs convidei 20 voluntárixs para se atarem ao meu corpo através de elásticos. Também para que elxs me vendassem e me guiassem, sem encostar no meu corpo, somente através dos elásticos e da voz, do local do evento até a escola pública mais próxima, cerca de 3 quarteirões. Convidei também mais duas pessoas que quisessem ser vendadas, dentre os 20 participantes. Propus que juntxs pensássemos uma educação que fosse para além dos muros da instituição-escola e lancei a questão: como lidamos com esse corpo coletivo e suas fragilidades?





Imagem 09: momento do início da performance - sendo atado pelxs professorxs com os elásticos  
Fonte: Evento Reperformar o Afeto, Bom Jesus/RN, 2018.



Como base conceitual posso sublinhar dois trabalhos: Tehching Hsieh e Linda Montano - Art/Life One Year Performance 1983-1984 e Lygia Pape - Divisor (1968).

No trabalho de Hsieh com Linda o tempo é colocado em questão na arte e na vida dxs artistxs, assim também como a relação, ambxs ficam, por um ano, ligadx a uma corda sem se encostarem. Esse e os demais trabalhos de um ano de Hsieh evidenciam o tempo, que me leva a questionar os usos que damos a ele, o quão precioso é o nosso tempo nessa imprevisibilidade de se estar, apenas estar em vida, e seguir a proposta do artista de just go in life.

"Penso na vida escancarada frente à imanência radical do indefinido e do quão corajosa é a aventura de just go in life. Penso que não há dentro e fora. Há vida, uma vida. Penso que a arte se travestiu de artigo indefinido para (in)definir a vida, e que o tempo apenas faz esse imenso delírio se mover". (REZENDE, 2016).



No trabalho Divisor de Lygia Pape, trata-se de um objeto relacional, no qual se unem pessoas pela cabeça, através de buracos em um tecido branco enorme, que só conseguem se locomoverem nesse corpo coletivo através de um diálogo sensorial e colaborativo, “a sensibilidade é estimulada, é por assim dizer, epidérmica, depende de uma abertura sensorial” (CIOTTI, 2014). Lembrando que esse trabalho foi feito dentro de um contexto político de ditadura no Brasil.

Guiado pela multidão me foi uma entrega àquelas pessoas e lugar, um retorno a confiança nx outrx, de forma quase pueril no jogo da performance, estimuladx pelas vivências daquelxs professorxs-corpos-caminho, propondo uma educação que volte para os laços que unem solidões. Erotizando o tempo, o espaço, construindo outras formas de se habitá-lo. Nesse momento aventureiro de entrega ax outrx foi como revisitar a memória de meu primeiro banho sozinho, um momento de troca, rodo, torneira, alcançar, sentir a água na pele, olhos vedados, passo por passo. Sentir a fragilidade de se ser só um Eu, e a potência de ser Nós que unem, uma rede de afetos que se desvendam caminhos para quem não enxerga, pra caminhar, pra se molhar, pra se sentir. Redescobrir o caminhar em ruas desconhecidas, com pessoas

desconhecidas, culturas diferentes, sonhos tantos, vozes tantas. No fim, estávamos ligadxs a vontade de cumprir o caminho, trocando com xs vizinhxs e transeuntes o momento de estarmos ali, interligados, em corpos outros, diferentes da anestesia cotidiana. Ligados assim como Nós nesse texto, nessa linguagem. Imagine a minha voz misturada com a sua quando lê essas palavras, e então perceba as suas ausências nesse texto, faça delas qualquer potência para se explorar além de palavras.

O evento propunha uma educação permeada pela arte, e uma arte permeada pela educação, e colocar em questão esse corpo híbrido performer-professor. Porque estamos imersos em uma educação que separa as coisas em caixas isoladas, matérias, disciplinas, grades, currículos, e na realidade somos feitos de laços, interações, “ao adotarmos o paradigma da rede estamos pensando o ambiente das interações, dos laços, da interconectividade, dos nexos e das relações, que se opõem claramente àquele se apoiando em segmentações e disjunções” (SALLES, 2006). Existe também no evento um caráter político de resistir aos abafamentos e silenciamentos das artes na educação do país, outra rede de afetos e trocas entre capital/interior, universidade/escolas da rede pública, desnivelando a lógica neoliberal de centralidade e



periferia. Estamos todos conectados nessa rede, nesse planeta, e porque não fazer da vida um ato criador “um processo inferencial, no qual toda ação que dá forma ao novo sistema está relacionada a outras ações de igual relevância ao se pensar o processo como um todo” (SALLES, 2006), conectando arte com educação/política/vida. E retomar essa ética-estética, fazer tecer o cotidiano em Nós, fazer do si um algo outro, empático perto sempre do imprevisível com o tempo.

Gostaria de finalizar dizendo que estou bem, e você como está? Um grande abraço para você que passa por essas letras, um beijo aos que nelas mergulham e boa sorte aos que nelas se afogam. Atenciosamente,

Nós-nus-em-nós-mesmos.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CIOTTI, Naira. Professor-performer. Natal: EDUFRN, 2014.

ESGUERRA, Cristina. A Voice From the Border com Jota Mombaça. Artdependence Magazine. (2018). Web 09 Jul. 2018. Acesso no link: < <https://www.artdependence.com/articles/a-voice-from-the-border/> >

HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. Bem-estar comum. Rio de Janeiro: Record, 2016.  
LARROSA, Jorge. Tremores: escritos sobre experiência. Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2015.

LORDE, Audre. Sister outsider: essays and speeches. Use of the Erotic: The Erotic as

Power. New York: The Crossing Press Feminist Series, 1984. p. 53-59.

LUEDJI, Luna. Acalanto. Composição de Luedji Luna. Álbum: Um corpo no mundo, 2017.

RANCIÈRE, Jacques. A partilha do sensível: Estética e política. São Paulo: EX0 experimental org; Editora 34, 2009.

REZENDE, Diogo. Passando o Tempo: Considerações Sobre Arte/Vida na Óbra de Tehching Hsieh. eRevista Performatus, Inhumas, ano 4, n. 16, jul. 2016. ISSN: 2316-8102.

SAFATLE, Vladimir. O circuito dos afetos, corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.